

*Os Media e a Guerra no Iraque*¹

Durante a crise pré-guerra, os Media reflectiram sobretudo o debate em torno da necessidade e da legitimidade ou não de uma intervenção militar contra o regime de Saddam. A Comunicação Social, veículo privilegiado entre os decisores político-estratégicos e as opiniões públicas, meio de mobilização, de informação e de manipulação das massas, não ficou imune a esta crise e a esta guerra, espelhando as fracturas existentes nas suas próprias sociedades. Alguns Media acabaram mesmo por assumir uma posição militante, deixando-se por vezes embarcar numa vertigem muito mais propagandística do que informativa. Nesta fase, abundaram os políticos e os “fazedores de opinião” - em detrimento dos analistas e dos especialistas - que vinham sobretudo mostrar a sua posição, infelizmente e quase sempre de uma forma demasiado simplista e sumária, fomentando uma lógica a “preto e branco” ou do “prós e contras”. Inevitavelmente, radicalizaram-se posições, e esclareceu-se muito pouco. O objectivo, claro, era o de fabricar o consentimento ou a oposição, porque também em Democracia a opinião pública e os órgãos de comunicação são quase sempre um meio para se alcançarem fins.

Com o início da guerra, porém, os Media deram muito mais destaque aos analistas e aos especialistas em relações internacionais, estratégia e assuntos militares, com o fim de realmente ajudar a esclarecer os contornos deste conflito e a “filtrar” as muitas informações. Curioso notar, aliás, o seguinte: na Europa, entre os jornalistas e os “opinadores”, a grande maioria mostrou ser frontalmente contra a intervenção militar e até anti-americano, enquanto que entre os analistas se notou uma muito maior compreensão pelas razões do conflito.

Sobre a cobertura jornalística e sobre o papel da comunicação social durante a guerra convém, desde logo, recordar a natureza bem distinta dos regimes em confronto - totalitário de um lado, democráticos do outro -, para não assumir como iguais os “constrangimentos” respectivos para com a informação.

assim, os dois lados utilizaram os Media como armas, sobretudo no jogo calculista da informação/desinformação/contra-informação, procurando servir-se deles para atingir as várias opiniões públicas. Do lado da Coligação, apresentou-se como grande objectivo a “Liberdade Iraquiana” e procurou-se sempre demonstrar que os seus alvos eram exclusivamente as estruturas do regime (com ênfase para os “ataques excepcionalmente cirúrgicos” e o uso do termo “Decapitação” para a primeira fase das operações), esperando poder jogar com o efeito mediático do “levantamento popular” contra Saddam e com uma recepção “com flores”. Entretanto, foi-se desvalorizando progressivamente o principal móbil de legitimação para a guerra – as armas de destruição maciça e as ligações ao terrorismo – e não se atribuiu muita importância à questão de saber se os líderes iraquianos, em particular Saddam e os seus filhos, estavam vivos ou mortos ou se seriam apanhados. Por seu lado, o regime de Saddam procurou utilizar os Media de todo o mundo, e não apenas os seus próprios meios de propaganda, para difundir quatro ideias: que se tratava de uma “invasão e agressão” contra o Iraque; que eram sobretudo os civis as principais vítimas dos bombardeamentos e dos confrontos militares; que o regime tinha preparado uma estratégia capaz de repelir ou resistir longamente às “forças invasoras” (a referência a uma “serpente toda esticada e que seria retalhada às fatias”); e que todos os iraquianos, bem como muitos outros mártires, estavam dispostos a lutar pelo regime e pelo país contra os “mercenários agressores”. A estratégia de Saddam dependia muito do efeito que, através dos media, conseguisse provocar junto das opiniões públicas, tanto árabes como ocidentais. Daí o regime ter permitido a presença de tantos jornalistas estrangeiros em Bagdad, devidamente manietados, e ter colocado o já célebre Ministro da Informação a promover visitas guiadas, a debitar números de mortos e feridos civis e, acima de tudo, a desmentir categoricamente e com surpreendente desdém os progressos da coligação no terreno. Os termos, a desfaçatez e as mentiras descaradas e absurdas deste Ministro foram tais, aliás, que já entrou no anedatório internacional.

Da cobertura desta guerra salientam-se outros elementos significativos. Desde logo, a tal presença

permaneceram dois jornalistas ocidentais – criando a ilusão de que, desta vez, os mesmos meios de comunicação difundiam as versões dos “dois lados”. Na mesma linha, esta guerra deu relevância aos media árabes, em particular à Televisão Al-jazeera (esta já célebre desde o Afeganistão), do Qatar, e à TV Abu-Dhabi, dos Emiratos Árabes Unidos. É um elemento realmente novo, na medida em que deixámos de ter apenas acesso aos media ocidentais – embora seja através destes que conhecemos os outros. Depois, esta guerra parece ter feito regressar o verdadeiro espírito dos repórteres de guerra, devidamente treinados e incluídos entre os militares nas várias frentes de combate, partilhando os mesmos riscos, as mesmas rações, as mesmas fardas e as mesmas sensações (foi assim que começou a reportagem de guerra), dando origem ao novo conceito de “na cama com”. Os cerca de 150 mil militares da coligação que entraram no Iraque levaram consigo quase 500 repórteres – por mera comparação, na anterior Guerra do Golfo, os 800 mil soldados aliados levaram apenas 160 repórteres; no Vietname, caso normalmente apresentado como o paradigma da liberdade concedida aos media, apenas 30 ou 40 acompanhavam as missões de combate, de entre o meio milhar de jornalistas que havia na Indochina; e não foram sequer 30 os repórteres que acompanharam o desembarque na Normandia, em 1944. A importância atribuída a este elemento foi tal que até os militares das forças especiais americanas não se coibiram de filmar algumas das suas operações para depois as difundirem - como o resgate da soldado americana Jessica Lynch de um hospital iraquiano. Acresce que todos os repórteres presentes nesta guerra se ligaram ao mundo através do videofone e dos telefones celulares (já há quem se lhe refira como “guerra do videofone”), transmitindo-nos em directo uma ínfima parte do espectáculo do conflito e dos combates.

Tudo isto fez desta guerra no Iraque a mais mediatizada de sempre. Mas foi por isso mais verdadeira? Não, porque apenas vimos e conhecemos pequenos fragmentos, soltos e dispersos. É que por muitos meios que os media tenham ao seu disp